

Referências

- Besson, Christian (Org., 2002). *Hubert Duprat Theatrum - Guide imaginaire des collections*. Collection reConnaitre. Paris: Musée départemental (Digne), Philippe Grand, Antenne Éditoriale de Lyon.
- Didi-Huberman, Georges (2005). *Venus Rajada*. Buenos Aires: Editorial Losada.

3.34 Robert Irwin: convite ao presente

Luísa Jacinto*

Abstract. *Robert Irwin: intellectual, visual and sensible search of the present. Aesthetic inquiry as a definite step. Perception of the real and the capacity for awe.*

Keywords: *Installation, presence, attention, here and now.*

Resumo. *Robert Irwin: procura intelectual, visual e sensível do presente. Inquirição estética como passo decisivo. Percepção do real e capacidade de espanto.*

Palavras-chave: *Instalação, presença, atenção, aqui e agora.*

Introdução

Robert Irwin é um artista Norte-Americano. Nasceu na Califórnia em 1928 e iniciou o seu percurso como pintor em 1952. Admirado com a percepção humana, deixou a pintura por uma prática artística mais alargada. O seu trabalho desenvolve-se em resposta a uma circunstância concreta – sala, jardim, edifício – e tem uma infinidade de soluções formais para uma mesma demanda: a experiência estética íntegra, o deserto da sensação pura ('a desert of pure feeling').

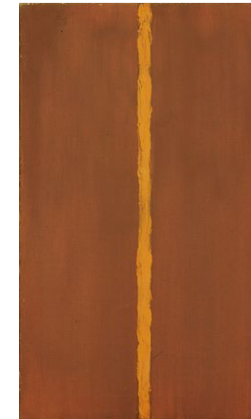


Figura 1. *Onement 1 The Stations of the Cross, Vir Heroicus Sublimis* (Barnet Newman, 1948)

* Portugal. Licenciatura Artes Plásticas - Pintura, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. MA Fine Art, Central Saint Martins School of Art, Byam Shaw School of Art, Londres.

1. Robert Irwin, o início

Quando iniciou o seu percurso como pintor, tinha como referências Morandi, de Kooning, Philip Guston, Barnett Newman. No expressionismo abstracto, Irwin encontrou afinidades com a enérgica abstracção, a assombrosa fisicalidade das obras e o facto de a presença real do observador ser essencial (Figura 1).

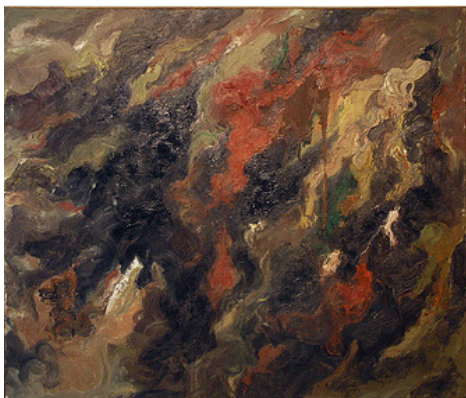


Figura 2. *Ten Bulls*, óleo sobre tela, 65 x 65 cm (Robert Irwin, 1963-64).

Momento importante do seu percurso é uma série de pinturas a óleo densas, escuras e carregadas (Figura 2). Cada pintura abstracta é colocada numa caixa minuciosamente construída pelo artista (Figura 3). É uma pintura à escala da mão: para a ver o observador deve segurá-la.

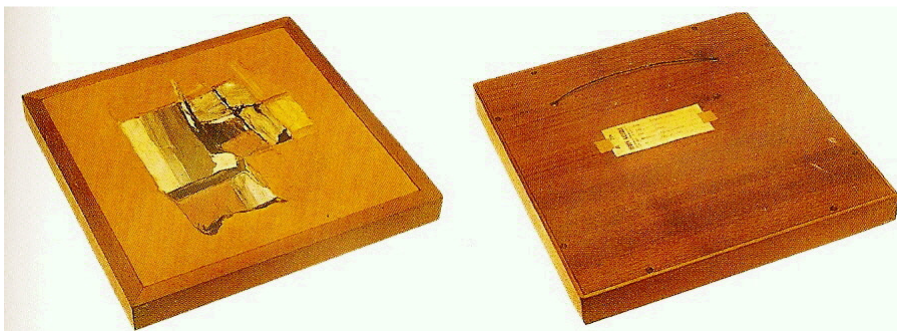


Figura 3. *The Lucky U*, óleo sobre tela, 65 x 65 cm, frente e verso (Robert Irwin).

A partir daqui, o seu trabalho depurou-se morosamente em cuidado e rigor. Entre o final de 1962 e o início de 1963, havia chegado, na sua procura da forma percebida como um quadrado perfeito, à proporção de 82,5 x 84,5 polegadas. Passou então a fabricar as grades das suas pinturas de maneira a que fossem ligeiramente arredondadas – para acrescentar uma energia subliminar a cada peça. Irwin trabalhou incessantemente, durante 1963 e 1964, nas 'Line Paintings', dez telas a óleo de grande formato. O seu trabalho é lento, rico em textura e quase monocromático. Dirige-se cada vez mais às subtilezas da percepção (Figura 4)..

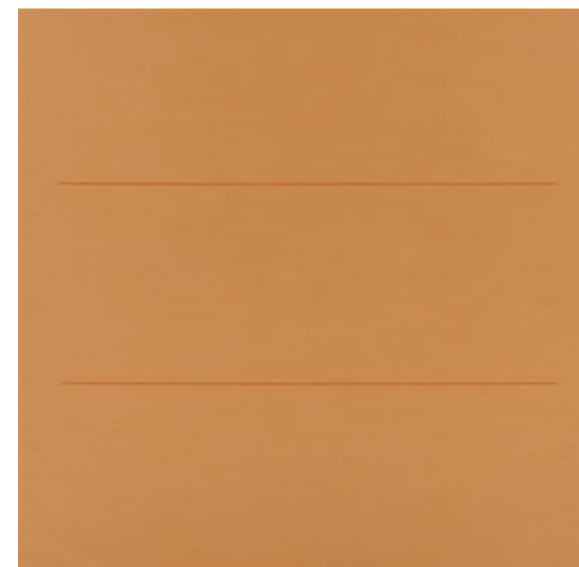


Figura 4. *Untitled, late line painting*, óleo sobre tela, 214.6 x 210.5 cm, Fotografia Bill Jacobson (Robert Irwin, 1963-64).

Durante muitos anos, proibira qualquer reprodução fotográfica das suas pinturas, convicto de que a fotografia pode apenas veicular uma imagem, nunca a presença, cerne do seu trabalho.

2. Mudança

O facto de o mundo não se debater com molduras, contornos e limites definidos, levou a que Irwin considerasse o suporte pictórico inadequado à sua visão de radical continuidade entre arte e vida.

Afastou-se da pintura em 1968, procurando fazer peças sem limites. Os trabalhos resultantes são superfícies de alumínio e *plexiglass*, pintadas a aerossol, rigorosamente iluminadas para que os limites não sejam evidentes (Figura 5). As sombras projectadas são parte da peça, tal como o são as zonas iluminadas, tal como o é a parede e o espaço onde estão colocadas. O objecto e o lugar de exposição fazem uma peça só.



Figura 5. *Untitled, disc* (Robert Irwin, 1968-69).

3. Trabalho em resposta

A partir de 1970, Irwin começou a trabalhar *em resposta* a circunstâncias estéticas específicas, ocupando-se de luz, de espaço, do tempo, da percepção multi-sensorial. A primeira instalação que faz é no MoMa, nesse mesmo ano – sem financiamento ou apoios técnicos.

Uma sala vazia com mudanças subtis – dois tons na vulgar luz fluorescente branca; um tecto feito de um fino véu esticado; um fio ao nível dos olhos. A resposta mais frequente a esta instalação foi a de considerar a sala vazia. 'O mais difícil de ver é o óbvio' (Oscar Wilde). Só uma presença atenta e fresca seria tocada pela simplicidade destes gestos (Figura 6).

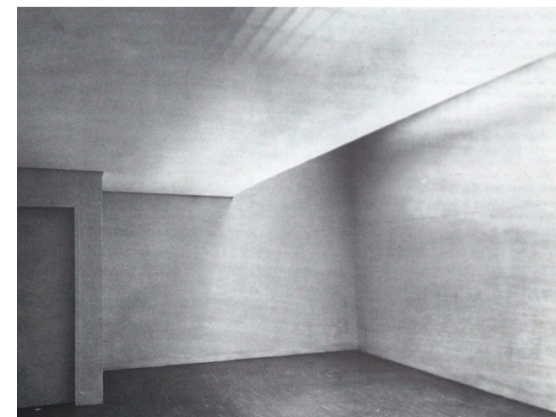
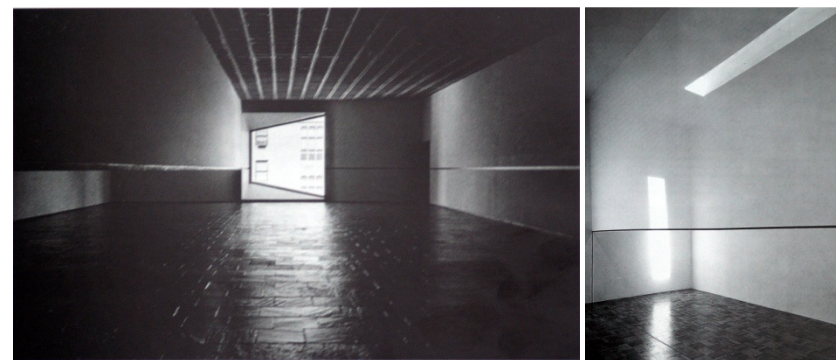


Figura 6. *Fractured Light – Partial Scrim Ceiling – Eye Level Wire*, The Museum of Modern Art, New York, Fotografia James Matthews (Robert Irwin, 1970).

Em 1977, Irwin realiza uma exposição retrospectiva no Whitney Museum. No primeiro andar, apresenta uma nova instalação, *Scrim Veil – Natural Light*. Pintou as paredes de modo a acentuar a luz da grande janela angulosa. Ao nível dos olhos, colocou uma linha que circunscrevia toda a área. Um enorme véu vertical, esticado desde o tecto até ao nível dos olhos, dividia a sala em duas partes, evidenciando o comportamento da luz. 'Entrando naquela sala, o observador sabia imediatamente que algo tinha mudado; como estar numa floresta quando as coisas ficam subitamente calmas' (Mark Stevens) (Figura 7 e 8).



Figuras 7 e 8. Duas vistas de *Scrim Veil – Natural Light*, Whitney Museum, New York. Fotografia Warren Silverman (Robert Irwin, 1977).

Em 1997, no San Diego Museum of Contemporary Art, La Jolla, California, Irwin executa um dos seus trabalhos mais perfeitos (Figura 4). Numa sala rasgada por janelas sobre o oceano, decide recortar, nas janelas, três quadrados; um ao centro e dois em cada canto. Muito além da perícia técnica, a peça é total: depois de passear pelas salas de exposição, o visitante chega a uma sala que é, toda ela, 'mundo', em que o mundo lhe é oferecido de novo, e onde, nesta redundância, atende, num contexto museológico e expositivo, à luz, ao som, ao odor de uma realidade que o circunda uma outra vez (Figura 9).



Figura 9. *Windows*, San Diego Museum of Contemporary Art, La Jolla, California (Robert Irwin, 1997).

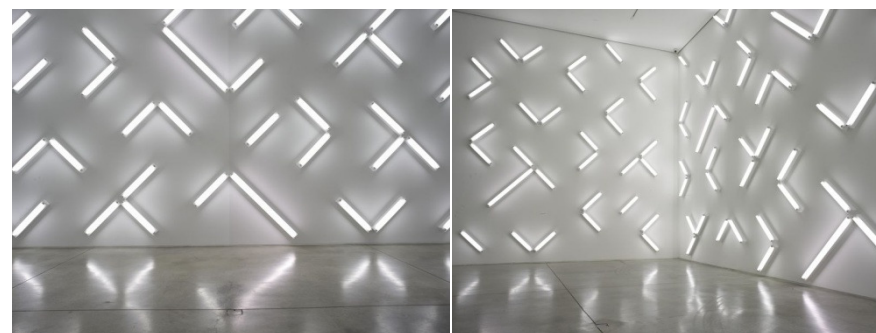
4. Entrar no presente

Light and Space II foi uma instalação apresentada na White Cube, Mason's Yard, Londres, em Setembro de 2008 (Figura 10 e 11).



Figuras 10 e 11. *Light and Space II*, White Cube Mason's Yard, Fotografia Stephen White, cortesia Jay Jopling/White Cube (Robert Irwin, 2008).

A instalação encontra-se no piso inferior da galeria. O visitante é confrontado com uma vista semelhante à da Figura 10: centenas de lâmpadas fluorescentes, montadas em ângulos rectos, formam uma composição em rede não repetitiva. Um padrão impossível ocupa o lugar para onde corre o olhar (Figuras 12 e 13). A escala monumental envolve o observador numa constelação austera de luz e sombra, plena de ritmo e quietude. A peça é uma com o espaço que a acolhe. Não há hierarquia, não há ponto de foco possível. 'Something you swim into, rather than focus on.' (Robert Irwin). Este labirinto geométrico é simultaneamente etéreo e concreto, vazio e magnético. 'Cria-se uma nova, ou muito velha, espécie de solidão em que o súbito gosto da pureza se mistura ao temor' (Herberto Helder, 1995).



Figuras 12 e 13. *Light and Space II*, White Cube Mason's Yard, Fotografia Stephen White, cortesia Jay Jopling/White Cube (Robert Irwin, 2008).

A limitação do visitante a uma sala, com uma intervenção de meios sucintos, proporciona à sua percepção uma concentração expansiva. É-lhe exigida uma mudança: passar de um *chronos* - um tempo linear e devorador, que corre, se move e dispersa - para um *kairos* - tempo de qualidade, de oportunidade, de atenção, de encontro com o presente. A essência do trabalho de Robert Irwin é o lugar no presente. É através de uma esplendorosa inutilidade que Irwin abre a possibilidade de um encontro com o aqui e agora, o toque do presente.

Conclusão

O trabalho de Robert Irwin é experiencial, fenomenológico, uma arte sensorial. O seu esforço concentra-se em tornar o observador

consciente pelos sentidos, senciente. O convite ao presente não é uma evidência, é um desafio imenso. 'Ver é esquecer o nome da coisa que se vê' (Paul Valéry).

Numa tarde soalheira de 1979, Robert Irwin compareceu à cerimónia do seu doutoramento *honoris causa* pelo San Francisco Art Institute. Tinha decidido recusá-lo, mas apercebera-se da necessidade de ali se deslocar para, à laia de discurso, fazer uma única declaração: 'All I want to say is that the wonder is still there.' •